

## PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS: NARRATIVAS (AUTO) BIOGRÁFICAS DE PROFESSORAS QUE ATUAM EM UMA ESCOLA RURAL

Iure Coutre Gurgel- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN/ e-mail:  
yurecoutre@yahoo.com.br

Ana Lúcia Oliveira Aguiar- Universidade do Estado do Rio Grande do Norte-UERN e-  
mail:oliveirapietro@yahoo.com.br

### Resumo

Os desafios enfrentados pela escola no contexto atual, nos leva a (re) pensarmos o seu papel no que se refere a formação do educando numa visão sócio-cultural, bem como a formação docente numa ótica reflexiva, onde oportuniza ao educador refletir e (re) pensar o seu trabalho, afim de desenvolver uma prática que valorize e reconheça o educando como protagonista de sua aprendizagem, principalmente quando destacamos a escola numa perspectiva inclusiva. Os desafios vivenciados por todos os que fazem parte da instituição escolar são visíveis, merecendo de alguma forma, subsidiar de estratégias que venham contribuir com a melhoria do trabalho desenvolvido em sala de aula. O objetivo deste trabalho é refletir sobre os desafios enfrentados por duas docentes, atentando para as experiências didático-pedagógicas desenvolvidas com uma criança com deficiência, em uma escola rural, localizada n município de Janduís/RN. Como referencial teórico, nos fundamentamos em: Barroso (2003), Carvalho (2003), Roldão (2003) e a documental – dentre outros, buscando evidenciar os princípios inclusivos constantes na Declaração de Salamanca (1994). A metodologia que embasa este trabalho de natureza qualitativa, onde utilizamos as narrativas (auto) biográficas por acreditarmos sobre a importância da valorização das vozes dos sujeitos para a consolidação da Pesquisa bem como permitir um (re) visitar constante da prática pedagógica. Os resultados apontam que a sala de aula é um dos espaços por excelência que permite o educador refletir na ação, refletir sobre a reflexão, redirecionando quando preciso, a sua prática pedagógica, de modo a atender as especificidades dos alunos. Possibilitando como isso, o desenvolvimento de estratégias que favoreçam a inclusão de todas as crianças na escola regular e o enfrentamento de desafios surgidos no contexto educacional.

**Palavras-chave:** Experiências docentes. Inclusão. Prática Pedagógica.

### INICIANDO O DIÁLOGO

A inclusão na atualidade consiste em uma temática que vem ganhando uma amplitude acentuada nas discussões e pesquisas, haja visto ser uma vivência cotidiana em nosso meio e, que a escola enquanto espaço formativo e acolhedor vivenciar com tal situação.

---

<sup>1</sup> Mestre em Educação pelo programa de Pós-Graduação em Educação-POSEDUC/UERN.

<sup>2</sup> Docente do Programa de Pós-graduação em Educação pela universidade do Estado do Rio Grande do Norte- POSEDUC/UERN.

Diante de tantos avanços ocorridos neste século XXI, vemos que a escola tem a necessidade de (re) pensar constantemente a sua função social, para que dessa forma possa atender as especificidades dos sujeitos que a frequentam e assim, tentar desenvolver um trabalho que tenha como foco principal o aluno, seu processo de aprendizagem e a formação docente como elementos essenciais para a construção de uma educação comprometida com o aprender a ser, aprender a conhecer, aprender a viver e aprender a aprender.

Não podemos pensar em uma instituição que em pleno século XXI, caracterizado pela inúmeras mudanças, avanços científicos e desenvolvimento social, ainda existam instituições educacionais que promovam a exclusão de seus discentes, onde não acreditam na capacidade de desenvolvimento dos que a compõem e que não veem a limitação que possui determinado educando como ponto de partida a ser valorizada e superada, diante de um trabalho baseado na coletividade e no compromisso.

A medida que não busca desenvolver um trabalho que valorize as potencialidades e singularidades dos educandos, a escola acaba que afastando os alunos de todas as oportunidades postas pela sociedade. A exclusão é entendida no sentido de privação do acesso a direitos sociais, nos domínios econômico, social, cultural e de participação cívica. A esse respeito,

a exclusão social não é uma dimensão substantiva, mas a resultante de um processo social que favorece apropriações ilegítimas por certos setores da sociedade e veda a outros o acesso a bens, recursos, condições ou estatutos que lhes permita o usufruto de oportunidades em condições de igualdade. (Sarmiento, 2003, p. 74).

Com isso, percebemos que muitas vezes a exclusão social acaba sendo constituída por ações que inviabilizam os cidadãos de terem a oportunidade de mostrarem suas capacidades e, que apesar de qualquer limitação, mas, tal que não impossibilita de realizar determinada atividade.

Nos referendamos em Barroso (2003, p. 27), ao defender que as formas múltiplas de exclusão fabricadas pela escola podem ser classificadas em quatro modalidades: (1) a escola exclui porque não deixa entrar os que estão fora; (2) a escola exclui porque põe fora os que estão dentro; (3) a escola exclui “incluindo”; (4) a escola exclui porque a inclusão deixou de fazer sentido. Essa classificação nos remete a refletir sobre o que a escola tem produzido nesse novo contexto, que papel cumpre no meio social e que mecanismos utiliza no processo de inclusão/exclusão.

A partir de tais apontamentos, surgem reflexões que merecem serem postas para dialogarmos: que ações a escola vem desenvolvendo para possibilitar a inclusão de uma criança

com deficiência visual nos anos iniciais do ensino fundamental? Que estratégias estão sendo construídas por duas educadoras de uma escola rural para possibilitar a construção da aprendizagem de um educado que não enxerga?

Por meio das reflexões acima citadas, organizamos este trabalho fruto de um recorte de nossa dissertação de Mestrado em Educação pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, como meio de aguçarmos questionamentos em relação a questão da educação inclusiva no espaço educacional, focando as experiências e práticas pedagógicas como eixos centrais de nossa pesquisa.

Para tanto, este artigo tem como objetivo refletir sobre de que forma as experiências e práticas pedagógicas de duas educadoras de uma escola pública rural podem viabilizar para a consolidação de uma educação inclusiva de qualidade. Assim, para evidenciar as reflexões que serão construídas, nos fundamentamos em: Barroso (2003), Carvalho (2003) e Roldão (2003) e a documental – buscando evidenciar os princípios inclusivos constantes na Declaração de Salamanca (1994).

O referido trabalho está estruturado em três sessões, a primeira, traz reflexões acerca da importância do papel do educador para a estruturação de um trabalho inclusivo, em seguida trazemos as contribuições da Declaração de Salamanca como instrumento necessário para a efetivação de uma escola fundamentada na filosofia inclusiva. Por fim, apontamos a análise de nossa pesquisa, valorizando assim, as narrativas das duas docentes participantes da pesquisa enfatizando suas experiências e o desenvolvimento de suas práticas pedagógicas para a consolidação de uma escola inclusiva.

## **A ATUAÇÃO DOCENTE NUMA PERSPECTIVA INCLUSIVA: A GARANTIA DO ALUNO A APRENDER**

O professor deste novo século deve ser um profissional comprometido com a docência, construindo seu profissionalismo através de relações e vivências cotidianas, traçando objetivos a serem alcançados mediante o trabalho a ser desenvolvido e, por fim, vendo o espaço da sala de aula como um local propício ao desenvolvimento de reflexões e um (re) pensar contínuo de sua prática.

A esse respeito, Porter e Brophy (citado por Ainscow, 1998) consideram que bons professores são os profissionais que sabem quais são seus objetivos de ensino; conhecem os conteúdos e as estratégias para chegar a esses objetivos; comunicam aos alunos o que é esperado

deles e explicitam as razões que os levam a esperar que eles atinjam estes objetivos. Estes mesmos professores são capazes de utilizar o material existente com profissionalismo; dedicam seu tempo a práticas que enriquecem e clarificam os conteúdos; conhecem bem seus alunos; são capazes de adaptar o ensino às necessidades deles; são hábeis em antecipar suas dificuldades e em localizar os pontos fracos na sua aprendizagem, para ajudá-los a superar esses desafios.

O professor para trabalhar numa visão inclusiva, em que valoriza os saberes e limitações dos educandos é um profissional reflexivo, que reflete sua ação didática periodicamente, buscando-a aperfeiçoá-la e redimensioná-la constantemente. Para isso, são necessárias algumas reflexões acerca de como pode ser construído o trabalho do educador para atender aos princípios da inclusividade. Nesse pensar, nos apoiamos em Schon (1992), quando aponta alguns questionamentos essenciais para a construção da prática pedagógica de todo educador:

- 1 - Quais as competências que os professores deveriam ajudar as crianças a desenvolver?
- 2 - Que tipos de conhecimento e de saber-fazer permitem aos professores desempenhar o seu trabalho eficazmente?
- 3 - Que tipos de formação serão mais viáveis para equipar os professores com as capacidades necessárias ao desempenho do seu trabalho?

Baseado nas reflexões acima apontadas por Schon, reconhecemos que é sem dúvida alguma, de grande importância, o educador fazer uma autoavaliação constante de sua prática, afim de pensar sobre quais competências seriam necessárias o educador ajudar a criança a desenvolver na escola contemporânea. Seria somente a competência leitora? Poderia ser a competência do trabalho em equipe? De desenvolver o pensamento crítico? Assim, podemos perceber que existem várias competências que são traçadas na escola contemporânea para a criança desenvolver, com o propósito de viver na sociedade do conhecimento.

Dentre os conhecimentos necessários para o aluno aprender, destacamos: o domínio das tecnologias, o raciocínio lógico-matemático, a competência leitora e escritora, o que consequentemente viabiliza para a capacidade de interpretar textos, e por fim, destacamos a necessidade de desenvolver o respeito mútuo e o diálogo, como ferramentas necessárias para a vida coletiva. Ao educador, existem, conhecimentos que são vitais de serem construídos para possibilitar o desenvolvimento de sua prática eficazmente, dentre eles, ressaltamos: refletir como o aluno deste novo século aprende, o que é ensinar na sociedade atual e como possibilitar a construção do conhecimento frente o desafio da inclusão?

A partir de tais apontamentos, reconhecemos ser necessário o docente ser realmente um profissional reflexivo, que repensa periodicamente sua ação afim de aperfeiçoá-la e transformá-la mediante os desafios que são postos a escola atual. Concordamos com Schon, quando nos diz que:

um professor reflexivo permite-se ser surpreendido pelo que o aluno faz. Num segundo momento, reflete sobre esse fato, ou seja, pensa sobre aquilo que o aluno disse ou fez e, simultaneamente, procura compreender a razão por que foi surpreendido. Depois, num terceiro momento, reformula o problema suscitado pela situação; talvez o aluno não seja de aprendizagem lenta, mas, pelo contrário, seja exímio no cumprimento das instruções. Num quarto momento, efetua uma experiência para testar a sua nova hipótese; por exemplo, coloca uma nova questão ou estabelece uma nova tarefa para testar a hipótese que formulou sobre o modo de pensar do aluno. Schon (1992, p. 5),

A partir das colocações citadas por Schon (1992), acreditamos ser possível sim, construir uma escola inclusiva, em uma instituição que respeita e valoriza as diferenças dos educandos que lá se encontram, uma escola em que o espaço para o diálogo, para a valorização das diferenças sejam verdadeiramente efetivadas. Nesse enveredar,

Todas as escolas deveriam acomodar todas as crianças, independente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros grupos em desvantagem ou marginalizados (...) (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994, p. 01).

De acordo com a Declaração de Salamanca a formação de professores deve levar o docente a “exercer com autonomia e aplicar sua competência na adaptação de programas de estudos e da Pedagogia para atender alunos com deficiência, sendo também estes preparados para argumentar, discutir e colaborar com especialistas e com os pais” (DECLARAÇÃO DE SALAMANCA, 1994).

## **AS DOCENTES FRENTE A CONSTRUÇÃO DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS: CONSTRUINDO UMA APRENDIZAGEM DE QUALIDADE**

Emoções, a sensibilidade, o receio, as interrogações, os aprendizados. Tudo isso faz parte do cotidiano dos educadores, que buscam no convívio diário com outras pessoas crescerem tanto

pessoalmente como profissionalmente. Para isso, são muitos obstáculos enfrentados no dia a dia, para que assim, se possa contribuir para o processo formativo dos educandos.

Neste tópico, buscaremos refletir sobre as experiências Docentes e as Práticas Pedagógicas inclusivas, como meio de favorecer para a construção de uma educação de qualidade. Buscaremos assim, valorizar todos os momentos narrados pelas docentes para o enriquecimento da nossa pesquisa e a autenticidade dos fatos. Por questões éticas, a denominaremos de Margarida e Violeta. Quando solicitadas para delinear as vivências com uma criança cega, as docentes postulam que:

Margarida: A partir das vivências, íamos aprendendo a lidar melhor com todas as crianças, só que em especial, com esta criança com deficiência, por suas singularidades, mas, realizamos várias atividades que na minha opinião, foram significativas e que de certa forma favoreceram tanto o aprendizado para os educandos como para nós, educadores, dentre elas: as horas cívicas, apresentadas semanalmente por cada sala, enfatizando datas comemorativas, temáticas locais, conteúdos curriculares, enfim, eram momentos de integração, apresentação e socialização de algumas atividades que desenvolvíamos em sala de aula e que fazíamos a exposição a toda a escola. Então, esta atividade , nos permitia pensarmos em cada aluno que estaria sentado para escutar/ assistir as apresentações. Isso gerava muito aprendizado, troca de ideias e víamos que grande parte dos alunos gostavam desta atividade.

Violeta: para mim uma das atividades que mais marcou em sala de aula, era os momentos da s rodas de histórias, onde lia uma história diária para os alunos, ou alguns traziam de caso, e fazíamos a leitura na roda e depois haviam alguns comentários, isso para mim, era uma atividade que envolviam, que oportunizava as crianças a trocarem experiências.

Mediante os depoimentos das docentes, percebemos que a escola contribui de maneira gloriosa para o aprendizado dos estudantes, permitindo a todos os educandos que sejam os protagonistas no processo de ensino-aprendizagem e, principalmente aos alunos com deficiência, onde a escola torna-se para muitos um dos únicos locais de espaços significativos e de descobertas. Nesse pensamento,

A luta pela qualidade da educação e pela integração é uma luta pedagógica e social, concomitantemente. A escola para todos, a escola inclusiva, tem como princípio fundamental que todas as crianças devem aprender juntas, sempre que possível, independentemente de quaisquer dificuldades ou diferenças que elas possam ter. (Carvalho 1997, p.59).

Conforme explicita Carvalho, essa busca pela qualidade da educação precisa ser **contínua**, onde possamos realmente reconhecer que a escola inclusiva é um princípio de grande valia para a construção da aprendizagem de maneira recíproca. Como enfatiza Matoan (2006, p.14) "a inclusão é uma saída para que a escola possa fluir novamente, espalhando sua ação formadora por todos os que dela participam." O modelo educacional deve dá espaço a diversidade, visto que as diferenças culturais, sociais, étnicas, religiosas, de gênero, enfim a diversidade humana vem cada vez mais ampliando e ganhando espaço, sendo condição para que todos aprendam e compreendam o mundo e a si próprio.

Prosseguindo a realização das nossas sessões (auto) biográficas, pedimos as entrevistadas que narrassem um pouco sobre como ocorria o processo de ensino em sala de aula numa perspectiva inclusiva. Estas destacam que:

Margarida: Logo no início quando recebi esse aluno, não pensava em uma estratégia que inicialmente pudesse favorecer o aprendizado do mesmo, pensava que bastava só ele está ali, pois por não enxergar, ficava impossível de fazer algo. Com o passar do tempo, embora esse aluno faltasse bastante, mas, fui percebendo que era possível ensinar o mesmo conteúdo a ele, bastava construir alguns recursos que ajudasse no processo. Então, foi isso que fui fazendo, elaborando cartazes em alto relevo, trabalhando músicas e repetindo o repertório várias vezes como forma de facilitar a aprendizagem deste educando.

Violeta: Eu melhorei muito minha prática, principalmente com a chegada desta criança cega, onde me exigiu mais conhecimentos, estudos.me recordo de um curso que fiz chamado Pró-Infantil, onde tenho muitos materiais e inclusive um módulo que estudamos, discutia sobre a inclusão, os tipos de deficiência, aí fui reler este material e pensar em estratégias de como ensinar para fazer com que todos pudessem aprender. A partir daí, não vi mais um ensino caracterizado somente pela transmissão de conteúdos, e sim, como um caminho dialógico.

As professoras revelam no quanto a tarefa de ensinar é árdua, principalmente nessa situação, em que tinha dentro de sala de aula uma criança com deficiência visual, sendo preciso tentar desenvolver um ensino que buscasse atender as especificidades destes educandos, bem como,

possibilitar ao educador refletir sobre sua prática e, tentar utilizar recursos que favorecessem a descoberta, o interesse, a curiosidade, enfim, a aprendizagem dessas crianças.

São as diferentes ideias, opiniões, níveis de compreensão que enriquecem o processo escolar e clareiam o entendimento dos alunos e professores. Essa diversidade derivadas formas singulares de nos adaptarmos cognitivamente a um dado conteúdo e da possibilidade de nos expressarmos abertamente sobre ele. Ensinar é um ato coletivo, no qual o professor disponibiliza a todos alunos, sem exceção, um mesmo conhecimento. (Mantoan, 2006, p. 17)

A entrada dessa criança na escola, proporciona ao seu desenvolvimento um crescimento expressivo no que se refere a ampliação de habilidades e competências que podem ser estimuladas e despertadas nos estudantes com a mediação pedagógica. Com isso, é perceptível o quanto todos os sujeitos devem ter uma vida escolar ativa, participando de todas os níveis de ensino como interlocutor de conhecimentos.

Ainda ilustrando as reflexões desenvolvidas, destacamos o que aponta PARO, quando afirma:

Os professores precisam de oportunidades para refletir sobre as propostas de mudança que mexem com seus valores e com suas convicções, assim como aquelas que afetam sua prática profissional cotidiana. Os professores já estiveram sujeitos a uma avalanche de mudanças, nas quais suas visões não foram seriamente consideradas. É importante que a inclusão não seja vista apenas como outra. Não há dúvida de que podemos pensar na escola como instituição que pode contribuir para a transformação social. Mas, uma coisa é falar de potencialidades uma coisa é falar “em tese”, falar daquilo que a escola poderia ser, outra coisa bem diferente é considerar que a escola que aí está já esteja cumprido esta função. Infelizmente essa escola é sim reprodutora de certa ideologia dominante é sim negadora dos valores dominados e mera chanceladora da injustiça social, na medida em que recoloca as pessoas nos lugares reservados pelas relações que se dão no âmbito da estrutura econômica (Paro, 2001, p.10)

De acordo com a citação acima, entendemos que a função do educador na atualidade perpassa os muros da escola. Este profissional tem grande valor no contexto educacional em poder contribuir para a melhoria da educação e dessa forma, buscar estratégias eficazes que contribuam para a melhoria e transformação da nossa sociedade, bem como, para a construção de um processo de ensino-aprendizagem focado na dialogicidade, no olhar, na alteridade, enfim, um ensino que reconheça que é o sujeito aprendiz/ensinante.



Como não podemos separar a ação do ensinar com a o aprender, conversamos durante as sessões (auto) biográficas com as docentes e, perguntamos na opinião das mesmas, que concepção tinham sobre o que seria aprender, mas, precisamente destacando a visão inclusiva. As referidas respondem:

Margarida: Aprender para mim é ir além da repetição de informações, é ter a liberdade de se expressar, opinar, aprender de forma cooperativa com o próximo. E aprender na visão inclusiva é um processo contínuo e coletivo, que precisa da mediação de um professor e dos alunos.

Violeta: A aprendizagem é um processo coletivo, mediado por alguém. Para mim, só há ensino quando há aprendizagem. Na ótica inclusiva, é uma tarefa ainda mais difícil, digo no sentido do professor está aberto a mudanças, a aceitar o novo, a se abrir e aprender com os alunos.

Conforme explicitam as professoras, a aprendizagem é um processo que exige a interação professor-aluno, em que, através da mediação seja docente ou até mesmo discente, os sujeitos se inter-relacionam e aprendem. Dentro da experiência com uma criança com deficiência, ressaltamos a importância da utilização de materiais concretos como forma de auxiliar e favorecer uma melhor assimilação do educando em relação aos conteúdos trabalhados. “O desenvolvimento dos sentidos tátil-sinestésico-auditivo-olfativo-gustativo deve ser estimulado naturalmente através de todos os momentos de rotina diária” (Bruno, 1997, p. 51).

Em relação ao aprendizado da criança com deficiência visual, Bruno (1997) observou, através da sua prática com Avaliação Funcional do Desenvolvimento Global da criança com deficiência visual, que muitas vezes a capacidade de construir conhecimentos por parte dessa criança fica prejudicada, não apenas por sua condição visual, mas, também, pela qualidade de troca e solicitação pelo meio. Dessa forma, ela deixa claro que:

O uso do corpo, a coordenação dos esquemas auditivo- tátil – sinestésico- apreensão e a experiência física direta com objetos é que ajudarão a criança com deficiência visual a elaborar o seu sistema de significação e a organizar o mundo (Bruno, 1997, p. 50).

Educandos que desde cedo são estimulados a vivenciarem situações com o uso de materiais concretos, apresentam melhores resultados na aprendizagem, o que facilita a compreensão e assimilação dos conteúdos trabalhados sem sala de aula. Contudo, é necessário que o educador tenha uma noção ampla do que significa aprender para um aluno com deficiência, que embora apresente limitações, mas, através das oportunidades dadas em sala de aula é possível possibilitar a construção do conhecimento.

Nosso estudo, lança um olhar no sentido de através da escuta das experiências de educadoras em sala de aula com uma criança cega, relataram de que forma se consolida o aprendizado da mesma, para que possamos refletir sobre a possibilidade de se construir prática pedagógicas eficazes e inclusivas. Nessa concepção:

Proporcionar diversas experiências e o contato com objetos concretos vai contribuir na vida diária, para o pleno desenvolvimento da criança permitindo que ela construa conhecimentos e habilidades e aos educadores entenderem o processo de pensamento de seus alunos (Arruda, 2001, p.19).

Considerando que a visão é o canal através do qual acessamos a grande maioria das informações do mundo ao nosso redor, pensamos então em como uma pessoa com deficiência visual assimila essas informações e as utiliza para construir o seu conhecimento. Bruno (1997, p. 50) dá pistas da construção de conhecimentos por parte da criança com deficiência visual, entendendo que: “A mão será o canal principal de assimilação, apreensão e compreensão do mundo, por isso, deve-se adquirir autonomia”.

Na sua relação com o mundo que a cerca, a criança com deficiência visual tem uma tarefa mais complexa em comparação à criança vidente, já que esta última aprende conceitos e categorizações pela possibilidade que tem de organizar objetos de acordo com características, como cor, forma, tamanho, grupo e função, o que a ajuda a entender como o mundo funciona e como sua própria ação pode influenciar o que acontece. Para a criança com deficiência visual, no entanto, essa organização envolve características perceptíveis através de sentidos diferentes da visão, utilizando, principalmente, a sensação tátil (BRASIL, 2002).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Percebemos que as mudanças na prática pedagógica do professor são fundamentais para inclusão, exigindo esforços de todos que fazem parte da instituição em que o aluno com deficiência esteja inserido, de modo que, a escola seja vista como um ambiente de construção de saberes, na busca contínua de eliminar a discriminação de idade, particularidades e capacidades. Para tanto, a escola deverá ter como paradigma a implementação de um projeto pedagógico que, favoreça a construção de educandos como sujeitos de direitos a uma vida digna, independente das dificuldades.

Nesse contexto, se o educador é um profissional que estar sempre em busca de saberes inovadores de certo, poderá beneficiar-se dos programas educacionais, desde que sejam dadas as oportunidades adequadas para o desenvolvimento de suas potencialidades. Isso exige do docente uma mudança de postura, além da redefinição de papéis que possa proporcionar o processo de inclusão.

Para que a inclusão seja uma realidade, será necessário rever um dos obstáculos que se apresentam no cotidiano escolar, além da política e práticas pedagógicas e, dos processos de avaliação. É imprescindível, também que se busque conhecer o desenvolvimento humano e suas relações com o processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração como se dá este processo. Investir em metodologias que possam melhorar as relações entre professor e alunos, bem como avaliar de forma continuada e permanente, dando ênfase na qualidade do conhecimento e na participação de todos os alunos, com deficiência ou não, oportunizará o desenvolvimento da criatividade, da cooperação e a participação na construção do conhecimento.

Por fim, verificamos que as professoras em questão buscam desenvolver uma prática pedagógica que considere as particularidades dos educandos, uma vez que evidenciam que procuram meios para que esses alunos interajam com os outros companheiros, possibilitando com isso, desmistificar que o aluno com deficiência é incapaz de construir seu conhecimento. Contudo, para que o processo de inclusão escolar seja compatível com o que preconiza os documentos legais, é necessário que haja um novo olhar dos que fazem parte da instituição escolar, de modo a vir beneficiar todo e qualquer sujeito, levando em conta a especificidade de cada um e não mais as suas limitações e singularidades.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Secretaria de Educação Especial. **Subsídios para organização e funcionamento de serviços de educação especial: área da deficiência visual.** Brasília: MEC: SEESP, 2002. (Série Diretrizes, n.8).

BRUNO, Marilda Moraes Garcia. **Deficiência visual: reflexão sobre a prática pedagógica.** São Paulo: Laramara, 1997.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação Inclusiva: com os pingos nos "is".** Porto Alegre: Mediação, 3 ed. 2004.

Donald A. Schön In: Nóvoa, Antônio. **Os professores e sua formação.** Dom Quixote, Lisboa, 1992.

FREITAS, S. **Educação inclusiva e necessidades educacionais especiais.** Santa Maria: Editora UFSM, 2005, p. 13-43.

GLAT, R. (Org.). **Educação inclusiva: cultura e cotidiano escolar.** Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.

HADDAD, S. A educação como direito humano. In: GRACIANO, M. (Org.). **Educação também é direito humano.** São Paulo: Ação Educativa; PIDHDD, 2005, p. 14-16.

JANNUZZI, G. S. M. **A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI.** 2 ed. Campinas: Autores Associados, 2006.

MANTOAN, Maria Tereza Eglér. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2003.

\_\_\_\_\_. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.

MITTLER, P. **Educação inclusiva: contextos sociais.** Porto Alegre: Artmed, 2003.

\_\_\_\_\_. **Educação inclusiva: concepções teóricas e relato de experiência.** In:

MARQUEZINE, M. C. et al. (Org.). **Inclusão.** Londrina: EDUEL, 2003b, p. 33-43.

\_\_\_\_\_. **Formas de organização escolar: desafios na construção de uma escola inclusiva.** In: OMOTE, S. **Inclusão: intenção e realidade.** Marília, Fundepe, 2004, p. 77-112.

PADILHA, A. M. L. "Ensino inclusivo": uma expressão incorreta. In: MARQUEZINE, M. C. et al. **Re'discutindo a inclusão.** Londrina: ABPEE, 2009, p. 5-20.

UNESCO. **Declaração de Salamanca sobre princípios, políticas e práticas para as necessidades educativas especiais.** Espanha, 1994.